



MÓDULO

**AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE:
CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS**



ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

REALIZAÇÃO:



Uma
CONCERTAÇÃO
pela Amazônia

PARCERIA:



FICHA TÉCNICA

Em 2025, as unidades curriculares e os módulos do programa foram revisados e atualizados para atender às novas diretrizes estabelecidas pelas alterações legislativas da Política de Ensino Médio.

REALIZAÇÃO

INSTITUTO IUNGO

Presidente

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

Diretora de educação

ALCIELLE DOS SANTOS

Diretora de estratégia e implementação

JOANA RENNÓ

INSTITUTO REÚNA

Diretora-Executiva

KÁTIA STOCCO MOLE

UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA

Secretaria Executiva

FERNANDA RENNÓ

LÍVIA PAGOTTO

PARCERIA

BNDES

INSTITUTO ARAPYÁÚ

MOVIMENTO BEM MAIOR

PROGRAMA ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Idealização

FERNANDA RENNÓ (Uma Concertação pela Amazônia)

JOANA RENNÓ (Instituto Iungo)

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE (Instituto Iungo)

Coordenação geral

SAMUEL ANDRADE

Equipe pedagógica

CARLOS GOMES DE CASTRO (Coordenador de EPT)

CAROLINA MIRANDA

CYNTHIA SANCHES (Coordenadora - áreas do conhecimento)

REGINA TUNES (Coordenadora - áreas do conhecimento)

Coordenação de produção

THAMARA STRELEC

Coordenação Instituto Reúna

DANIEL CORDEIRO

Apoio à coordenação

CAMILLY LIMA

STEFANNY LOPES

VANESSA COSTA TRINDADE

CONCEPÇÃO DO PROGRAMA

Equipe

ALCIELLE DOS SANTOS

ANTONIO CARLOS OSCAR JÚNIOR

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CLÉA FERREIRA

CYNTHIA SANCHES

FABIANA CABRAL SILVA

FERNANDA RENNÓ

GRAZIELA SANTOS

IZADORA RIBEIRO PERKORKI

JEFFERSON SODRÉ MENESES

JOANA RENNÓ

JULIANA FRIZZONI CANDIAN

KÁTIA STOCCO MOLE

LÉA CAMARGO

MARISA BALTHASAR

MICHELE BORGES

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

REGINA TUNES

RENATA ALENCAR

RENATA MONACO

SAMUEL ANDRADE

THAMARA STRELEC

Gestores, técnicos e educadores de redes de ensino

ALDEVÂNIA BARRETO DE MATOS - SEED RORAIMA

ALISSON THIAGO PEREIRA - SEDUC AMAZONAS

ANTONIO FONSECA DA CUNHA - SEDUC PARÁ

CARMEM LÚCIA SOUZA - SEDUC AMAZONAS

CLEIBERTON SOUZA - SEED AMAPÁ

DARLETE SOUZA DO NASCIMENTO - SEED RORAIMA

EDILMA DA SILVA RIBEIRO - SEED RORAIMA

STELLA DAMAS - SEED RORAIMA

IRENE PEREIRA - SEED RORAIMA

LUCIA REGINA ANDRADE - SEDUC AMAZONAS

MELINA TONINI - SEDUC RONDÔNIA

MONALISA SANTOS SILVA - SEDUC MARANHÃO

REGINA PEREIRA - SEDUC MARANHÃO

RICARDO SANTA CRUZ - SEED RORAIMA

SALOMÃO SOUZA ALENCAR - SEDUC AMAZONAS

SIMONE BATISTA - SEED RORAIMA

Jovens amazônicos

ALANA MANCHINERI | AMAPÁ

BRUNA LIMA - RIO BRANCO | ACRE

HANNAH BALIEIRO | RONDÔNIA

INGRID MARIA AVIZ DE ARAÚJO - ANANINDEUA | PARÁ

KARINA PENHA - SÃO JOSÉ DE RIBAMAR | MARANHÃO

ODENILZE RAMOS - CARÃO, BAIXO RIO NEGRO | AMAZONAS

OREME IKPENG - XINGU | MATO GROSSO

PEDRO ALACE - AGROVILA ITAQUI, CASTANHAL | PARÁ

PI SURUÍ | ACRE

Especialistas em educação

ANA LUÍSA GONÇALVES

FERNANDA SAEME

NÁDIA CARDOSO

PAULO CUNHA

THIAGO HENRIQUE

Mobilização de jovens

RICARDO PENIDO

Mapeamento de tecnologias educacionais

PORVIR

Convidados do seminário de**aprofundamento temático**

DILSON GOMES NASCIMENTO - SEDUC AMAZONAS

MAICKSON SERRÃO - SEDUC AMAZONAS

TATIANA SCHOR

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Coordenadora de Comunicação

ANGELA MARIS DO NASCIMENTO

Produção de conteúdo - Comunicação

ANA CATARINA PARISI PINHEIRO
CAMILA SARAIVA GONÇALVES

Identidade visual e projeto gráfico

CLÁUDIO VALENTIN
DENIS LEROY
RENAN DA SILVA ARAÚJO

Assessoria para arquitetura da informação

PORVIR

Plataforma digital

PORVIR (Produção executiva)
SINTRÓPIKA (Design e desenvolvimento)

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Coordenação

PABLO DE OLIVEIRA DE MATTOS

Concepção e redação

ANDRÉ SEKKEL CERQUEIRA
CAROLINE BÁRBARA
KATRINE KATIUSSE DE ANDRADE
SYNTIA ALVES

Leitura crítica

REGINA TUNES
JOSILDO SEVERINO DE OLIVEIRA - SEDUC AMAZONAS
CLAUDEMES VIEIRA SOUSA - SEED RORAIMA
GUARACI ASSIS PASTANA - SEED AMAPÁ
LUZINÉIA GUIMARÃES ALENCAR - SEDUC MATO GROSSO

Edição pedagógica

CAMILA TRIBESS
CAROLINA MIRANDA

Apoio à concepção - Jovens amazônicas

ELCIANE VALENTE DE MENESES DE ALMEIDA
MARTA RAYANE DA SILVA GOMES

Apoio à concepção - Técnicos e educadores de redes de ensino

EDILENE NASCIMENTO BARBOSA - SEED AMAPÁ
ITALO BRUNO PAIVA GONÇALVES - SEDUC TOCANTINS
MARTA CLEMENTINA SILVA DE MELO - SEED RORAIMA
SHEYLA REGINA JAFRA CORDEIRO - SEDUC AMAZONAS

Especialista temático

GIOVANI JOSÉ DA SILVA

Produção de infográfico

CAMILA TRIBESS

Edição de texto e revisão ortográfica

ANA ELISA FARIA DO AMARAL
DIOGO DA COSTA RUFATTO
JAQUELINE COUTO KANASHIRO
LUCAS TADEU DE OLIVEIRA
MARCIA GLENADEL GNANNI
MARIANE GENARO

Diagramação

NATÁLIA XAVIER
RENAN DA SILVA ARAÚJO
VICTOR SOARES
WELLINGTON TADEU

ATUALIZAÇÃO E REVISÃO | 2025

Equipe pedagógica

REGINA TUNES (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Projetos de Vida)
MARISA BALTHASAR (Coordenação pedagógica e Linguagens e suas Tecnologias)
LUCIANA TENUTA (Matemática e suas Tecnologias)
SHANA ALINE PERIN SITTA (Ciências da Natureza e suas Tecnologias)

Leitura crítica

MICHELE BORGES (Matemática e suas Tecnologias)

Apoio à gestão

EMMANUELLE DIAS

COMO CITAR: INSTITUTO IUNGO; INSTITUTO REÚNA; UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA. **As regiões amazônicas e sua multiculturalidade:** culturas, povos, sociabilidades e fluxos. 2. ed. rev. atual. [S. l.]: Programa Itinerários Amazônicos, 2025. (Módulo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas). Disponível em: <https://itinerariosamazonicos.org.br>.

POLÍTICA DE USO: Pessoas e instituições podem fazer o download e compartilhar este material, desde que atribuam créditos ao Instituto Iungo, ao Instituto Reúna e à rede Uma Concertação pela Amazônia. Educadores poderão citar trechos do material em conteúdo que produzirem para uso em contexto escolar e não comercial, desde que atribuídos os devidos créditos. O material não deve ser modificado, adaptado ou publicado sem autorização prévia.



SUMÁRIO

Módulo - As regiões amazônicas e sua multiculturalidade: culturas, povos, sociabilidades e fluxos

Ementa do módulo	6
Infográfico	9
Etapa 1: Povos tradicionais e indígenas: cultura, tradições e atualidades	11
Etapa 2: O Haiti é aqui e a Guiana é ali	16
Etapa 3: Questões globais do fluxo de pessoas	20
Material do estudante	24
Referências	29



As regiões amazônicas e sua multiculturalidade: culturas, povos, sociabilidades e fluxos

EMENTA DO MÓDULO

Carga horária



20 a 30 horas

Resumo

Reflexão e análise de casos concretos que apontem para a diversidade social, política e cultural da região amazônica que são parte da multiculturalidade da região. Caracterização e análise das recentes ondas migratórias internacionais no Brasil. Exame dos impactos da mobilidade de pessoas e ideias no espaço urbano amazônico, com atenção aos casos dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas. Os estudantes serão orientados a refletir sobre aspectos geopolíticos locais e globais relacionados aos processos migratórios e de deslocamentos ocorridos nas regiões amazônicas, bem como a selecionar casos e aspectos que apontem para a valorização e o reconhecimento das especificidades dessas populações. Ao final do módulo, os jovens organizarão uma feira multicultural para apresentar as reflexões construídas nas etapas, a fim de mobilizar a sociedade para as questões abordadas.

Expectativas de aprendizagem

- Compreender, por meio de informações e de dados estatísticos, a diversidade local, política e cultural da região amazônica, com o objetivo de argumentar criticamente a respeito dos processos de migração nacional e internacional.
- Refletir sobre aspectos locais e globais relacionados às ondas migratórias nacionais e internacionais que incidem sobre as regiões amazônicas.
- Identificar e valorizar aspectos da multiculturalidade e da interculturalidade das populações amazônicas na atualidade.

Este módulo integra a unidade curricular “Formação da região amazônica: fronteiras, territórios e desigualdades” do programa Itinerários Amazônicos. Para conhecer esta e as demais unidades curriculares, acesse www.itinerariosamazonicos.org.br.





Competências gerais da BNCC

CG 1, CG 2, CG 4 e CG 10

Competências comuns para os Itinerários Formativos de Aprofundamento - IFAs

1, 2, 3, 6 e 10

TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS

Multiculturalismo

Cidadania e civismo

EIXOS CURRICULARES ESTRUTURANTES

Mediação e intervenção sociocultural

Inovação e intervenção tecnológica

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Diversidade amazônica e multiculturalidade amazônica; fluxos migratórios internos e internacionais; contexto sociopolítico da América Latina e do Caribe; identidades regionais; espaços urbanos.

HABILIDADES DA ÁREA DO CONHECIMENTO EM PERSPECTIVA DE APROFUNDAMENTO DA FORMAÇÃO GERAL BÁSICA - FGB

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICOS DA ÁREA NOS IFAs

3. Mediar conflitos, promovendo o diálogo, a empatia e a escuta ativa, por meio de estratégias de negociação e tomada de decisão, considerando contextos históricos, culturais, sociais e políticos, com especial atenção ao Sul Global, para discutir soluções colaborativas que respondam a desafios locais e globais.
4. Analisar criticamente as desigualdades históricas e estruturais que impactam diferentes grupos sociais, reconhecendo os saberes tradicionais, o papel dos movimentos sociais e das minorias na construção de conhecimentos e na promoção da diversidade, desenvolvendo iniciativas que fortaleçam a educação decolonial, o combate ao racismo, a valorização dos Direitos Humanos e a inclusão social de forma ética e sustentável.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE:
CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

5. Desenvolver ações de protagonismo juvenil, enquanto agente social, político, ambiental, profissional e cultural, analisando suas identidades e culturas juvenis em diferentes contextos, promovendo reflexões para o planejamento de projetos de vida éticos e conscientes, alinhando aspirações pessoais ao bem-estar coletivo e à transformação social.

FOCO DAS ETAPAS

Etapa 1: Povos tradicionais e indígenas: cultura, tradições e atualidades

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Refletem sobre o conceito de interculturalidade e multiculturalidade, a fim de compreender aspectos da diversidade sociocultural das regiões amazônicas.
- Analisam posicionamentos de intelectuais amazônidas, a fim de buscar a relação entre a sociodiversidade e a promoção dos direitos humanos.
- Elaboram reportagens jornalísticas em diversas mídias sobre a sociodiversidade da Amazônia.

Etapa 2: O Haiti é aqui e a Guiana é ali

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Refletem sobre os aspectos éticos e humanitários relacionados aos processos de migração interna e internacional a partir da região amazônica.
- Elaboram cartazes, gravuras, *storyboards* e grafites que caracterizem e avaliem criticamente o processo de migração na região da Amazônia.

Etapa 3: Questões globais do fluxo de pessoas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Analisam os processos migratórios e suas características com atenção especial aos casos de haitianos refugiados e/ou migrantes no Brasil e de migrantes brasileiros na Guiana Francesa, a fim de compreender os impactos locais, regionais e internacionais desse processo.
- Organizam uma feira cultural/Cúpula dos Povos para expor, debater e informar a respeito da diversidade cultural e do fluxo de pessoas nas regiões amazônicas.

Estratégia de ensino e aprendizagem

- Trabalho colaborativo: os estudantes elaboram infográficos, gravuras e reportagens jornalísticas com informações sobre a diversidade sociocultural amazônida, a fim de apresentar essas produções para a comunidade escolar em um evento no modelo de Cúpula dos Povos/feira cultural.

Avaliação

A avaliação das etapas do módulo se dará de forma processual, por meio das produções vinculadas à feira multicultural/Cúpula dos Povos. Considerando o evento de culminância, os estudantes poderão ser avaliados de acordo com seu envolvimento e engajamento nos grupos de trabalho, a elaboração e a organização da atividade. Do ponto de vista das produções, esse módulo permite aos jovens produzirem trabalhos artísticos e criativos, bem como reportagens jornalísticas (em diversas plataformas e mídias), que poderão ser avaliadas tendo em vista clareza, síntese, coerência e relevância.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE:
CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS



Quais são as influências dos diferentes tipos de fluxo de pessoas para a sociodiversidade da Amazônia?

Os estudantes se aprofundam na análise dos impactos dos fluxos populacionais no espaço amazônico, com atenção a alguns casos: a importância dos povos indígenas e das comunidades tradicionais para a conservação da sociobiodiversidade e dos processos migratórios e de deslocamentos ocorridos na região. Ao final do módulo, os estudantes organizam uma feira cultural para apresentar as reflexões e mobilizar a sociedade para essas questões.



E por quê?

POVOS INDÍGENAS

São atores sociais fundamentais para a garantia da sociodiversidade da região amazônica.

COMUNIDADES TRADICIONAIS

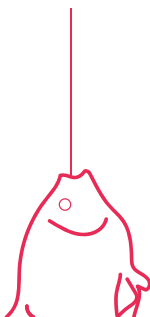
São estudadas sob a ótica dos fluxos dessas populações e sua contribuição para a sociodiversidade.

MIGRAÇÕES

São abordados os aspectos éticos e humanitários a respeito dos diversos fluxos migratórios na Amazônia.

DIREITOS HUMANOS

São considerados como base fundamental para a reflexão do módulo e, em especial, na organização da feira cultural/Cúpula dos Povos.



Agora, qual o foco das etapas do módulo para organizar o percurso de aprendizagem?

1ª ETAPA

Análise de reportagens sobre a sociodiversidade da Amazônia e a importância dos diversos povos indígenas e das comunidades tradicionais para a conservação da floresta.

2ª ETAPA

Reflexão sobre aspectos relacionados à migração a partir da região amazônica – em especial a chegada de migrantes haitianos e a saída de brasileiros para a Guiana Francesa – e produção artística como forma de análise desse processo.

3ª ETAPA

Organização de feira multicultural com inspiração no modelo de Cúpula dos Povos para expor, debater e informar a respeito da diversidade cultural e do fluxo de pessoas na região amazônica.

Tudo isso caminha lado a lado com os eixos curriculares estruturantes

MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIOCULTURAL

Os estudantes realizam a análise de situações, como o desmatamento e os fluxos migratórios na Amazônia, e organizam uma feira cultural, com inspiração no modelo de Cúpula dos Povos, para mobilizar os objetivos desse eixo.

INOVAÇÃO E INTERVENÇÃO TECNOLÓGICA:

Os estudantes planejam e realizam de forma criativa e inovadora a feira multicultural, propondo, a partir da reflexão e da criação de diversos produtos, uma forma de mediar os desafios da vida social amazônica.

EM DIÁLOGO COM A Amazônia

O módulo tem como foco de aprendizado o processo de desmatamento da floresta amazônica e a reflexão sobre a importância das populações indígenas e comunidades tradicionais para a conservação da floresta. Além disso, analisa de forma aprofundada e empática os processos migratórios mais recentes da região.



Navegar por este percurso contribui para que os estudantes

- Analisem dados sobre a sociodiversidade da floresta amazônica e a importância dos povos indígenas e das comunidades tradicionais para a conservação da floresta.
- Compreendam de forma aprofundada e empática os processos migratórios existentes na região amazônica em seus aspectos éticos e humanitários.
- Organizem uma feira multicultural, com inspiração no modelo de Cúpula dos Povos, para divulgar seus aprendizados e mobilizar de forma crítica e engajada a comunidade escolar.

ETAPA 1: POVOS TRADICIONAIS E INDÍGENAS: CULTURA, TRADIÇÕES E ATUALIDADES

ACONTECE NA ETAPA

- Análise de posicionamentos de intelectuais amazônidas em busca da relação entre sociodiversidade e a promoção dos direitos humanos.
- Elaboração de reportagens jornalísticas em diversas mídias sobre a sociodiversidade da Amazônia.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Esta situação de aprendizagem convida os estudantes a compreender o conceito de sociodiversidade considerando a experiência amazônida. Em atividades de levantamento de conhecimentos prévios, investigação com o uso de textos, diálogos entre pares e produção de reportagens jornalísticas, a turma analisará a relação entre a sociodiversidade e a promoção dos direitos humanos e sistematizará os conhecimentos construídos com a elaboração de uma reportagem jornalística sobre o conteúdo estudado em sala de aula. A perspectiva é que, ao fazer esse trajeto, os jovens identifiquem a diversidade cultural e as diferenças políticas, sociais e econômicas existentes na região. Ao final desta etapa, os estudantes terão produzido uma peça jornalística que dará subsídio à culminância do módulo: uma feira cultural.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa. O infográfico do módulo pode apoiar esse momento de mediação. Como pontapé inicial, faça um diagnóstico dos conhecimentos prévios da turma acerca da questão cultural e da diversidade no território amazônico. Contemple em seu planejamento de aula perguntas norteadoras para esse momento e peça aos jovens que anotem no caderno as respostas da turma que consideraram mais interessantes. Você pode fazer perguntas como:

- Quais elementos vocês consideram próprios da cultura amazônida?
- Em que medida esses elementos contribuem para a diversidade local?



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE: CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

2. É importante atentar se os jovens mencionarão migrantes recentes (pessoas vindas da Venezuela e do Haiti, por exemplo) que estão presentes na região amazônica ou se apenas citarão os povos amazônicos tradicionais ou de migração mais antiga (como as populações de outras regiões do Brasil migradas nas décadas de 1960 e 1970). Caso não haja menções aos migrantes recentes, tome essa pauta como um elemento diagnóstico importante, tendo em vista que a etapa seguinte tratará dos novos migrantes de maneira mais pormenorizada. Considere anotar as principais contribuições dos estudantes de forma que tais registros possam ser revisitados ao longo da etapa.

Diálogos amazônicos

A intelectualidade indígena brasileira tem se sobressaído nos debates e nos estudos sobre representatividade e, também, na luta pela garantia dos direitos humanos. Os resultados imediatos são identificados por meio da implementação das cotas raciais para indígenas nas universidades (2012) e nos direitos previdenciários (1991).

Nomes como Daniel Munduruku (povo Munduruku), Cacique Raoni Metuktire (povo Kayapó), Ailton Krenak (povo Krenak) e Sônia Guajajara (povo Arariboia) são exemplos de intelectuais e de ativistas indígenas que se destacaram pelas ações políticas e pelos estudos desenvolvidos sobre a história e a trajetória do indígena no Brasil.

Eleita, em 2022, deputada federal em São Paulo pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e, em 2023, nomeada ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara foi indicada à principal premiação de direitos humanos da Europa, o Prêmio Sakharov, pela atuação na defesa das florestas brasileiras e na luta pelos direitos dos povos indígenas.

Fonte: [Sônia Guajajara é indicada a principal prêmio de direitos humanos na Europa | Izabella Caixeta | Correio Brasiliense](#)¹.

Saiba mais

Sobre o conceito de sociodiversidade na Amazônia, explique aos estudantes que é fundamental identificar a diversidade existente no território e, sobretudo, entre as etnias indígenas, reforçando as dimensões da interculturalidade e da multiculturalidade com o intuito de desconstruir o estereótipo de que há homogeneidade entre os comportamentos, as visões de mundo, os hábitos, as línguas e a relação com a terra.

O agroextrativismo dos povos da floresta se traduz em um conjunto de saberes (Barros e Silva, 2013 *apud* Guimarães; Tomchinsky, 2020, p. 143). As culturas agrícolas ou extrativas da Amazônia apresentam um arcabouço de saberes, que vêm sendo aprimorados há milênios. O açaí, a mandioca, o milho, o cacau, a batata, a pupunha, foram domesticados pelos povos da floresta há, aproximadamente, 9.000 anos, sendo os saberes sobre a forma de cultivo, extração e processamento passados de geração a geração, em um processo dinâmico de seleção e construção do conhecimento na relação com o meio envolvente de cada época e com os rumos acordados para os modos de vida, envolvendo conhecimentos ecológicos, agrônômicos, meteorológicos, químicos, nutricionais, sempre de forma 'interdisciplinar' (Prato e Murrieta, 2015; Levis *et al.*, 2017 *apud* Guimarães; Tomchinsky, 2020, p. 143).

¹Todos os links indicados neste material foram acessados em outubro de 2025.



Portanto, os saberes tradicionais são fundamentalmente interdisciplinares e emanam das relações diretas e indiretas dos povos na natureza com os demais elementos orgânicos e/ou inorgânicos. A ideia de uma humanidade dissociada da natureza não é elementar na interação cotidiana dos povos da floresta, seja entre seus pares e/ou com os demais elementos constituintes do ecossistema que os envolve (Barros e Silva, 2013 *apud* Guimarães; Tomchinsky, 2020, p. 143).

A floresta une os povos. Exige laços de solidariedade e de ajuda ao próximo. A sua grandeza é, ao mesmo tempo, a condição de possibilidade e a ameaça à subsistência dos seus habitantes. Uma cultura baseada na reciprocidade então se consolida entre os diversos povos da floresta amazônica ocidental. Povos de etnias diferentes, com culturas diferentes, línguas diferentes, crenças e objetivos diferentes, todos encontram na floresta a sua identidade, a sua unidade. E assim estabelecem as suas próprias regras de reciprocidade (Simioni, 2008).



DESENVOLVIMENTO

3. Após ter contato com os conhecimentos prévios dos estudantes, verifique a percepção da turma com relação ao tema da diversidade cultural na Amazônia e organize no seu planejamento de aula a leitura coletiva do texto [Como os povos e as terras indígenas protegem a biodiversidade | Karen Shiratori | Nexo](#). Integrando a análise de fatos com a obra premiada do artista Denilson Baniwa, o texto traz um panorama interessante de como o reconhecimento do papel das populações indígenas ajuda na ampliação da diversidade da fauna e da flora. Para tornar a análise do material mais eficiente, oriente os estudantes a fazer uma leitura técnica do texto seguindo o roteiro:

- Identificar a ideia central do texto.
- Verificar quais são os principais argumentos da autora.
- Identificar os dados e os documentos utilizados pela autora para estruturar os argumentos apresentados no texto.

Saiba mais

Para aprofundar a discussão do tema e ampliar o debate em sala de aula, você pode consultar outras fontes sobre a diversidade cultural na Amazônia. É importante que os estudantes também busquem outras reportagens sobre o assunto, a fim de ampliar o próprio repertório para as produções que farão e de exercitar a leitura crítica dos diferentes materiais. Algumas sugestões de conteúdos são:

- [Resenha: Horizontes amazônicos para repensar o Brasil e o mundo | Matheus Ferreira | Amazônia Latitude](#).

A resenha do livro *Horizontes amazônicos para repensar o Brasil e o mundo* busca apresentar de que maneira a obra aborda as questões políticas e econômicas atuais da região amazônica no Brasil por meio da análise da existência de um projeto político de destruição da diversidade amazônica.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE: CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

- [Quem mantém a Amazônia em pé é o povo da floresta | Ariel Bentes | Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada.](#)
- [Programa Bem Viver: Diversidade da Amazônia só existe devido aos povos da floresta | Brasil de Fato.](#)

Essas duas reportagens elencadas demonstram como a biodiversidade na Amazônia é garantida pela atuação dos diversos povos que ocupam as florestas há milênios, assegurando sua sustentabilidade e sua conservação.

4. Peça aos estudantes para anotar no caderno as informações coletadas com base no roteiro, para que possam consultá-las posteriormente na elaboração das reportagens. O objetivo dessa estratégia é fazer com que os jovens tenham contato com o formato de texto que deverão produzir, além de analisar a relação dos povos indígenas e tradicionais com a diversidade e com a manutenção do território amazônico.
5. Em seguida, estabeleça um debate mediado em sala de aula (ver a [Caixa de Metodologias e Estratégias](#)), no qual você será o mediador, com base nas questões:
 - Qual é a relação entre o bioma e o modo de vida das populações tradicionais?
 - Qual caminho é apontado pelo texto para a conservação da floresta amazônica?
 - Qual é o papel das comunidades tradicionais e dos povos indígenas na Amazônia?
6. Na sequência, explique aos estudantes que as ideias construídas pela leitura técnica da reportagem e no debate estabelecido em sala de aula deverão ser utilizadas como base na construção da matéria. Para tanto, peça à turma que prepare um resumo (cada um em seu caderno), contemplando os pontos levantados na leitura do texto jornalístico e no debate em sala de aula, a fim de facilitar a construção dos argumentos e a organização das ideias centrais para a reportagem que será elaborada.
7. Caso seja possível em seu contexto escolar, incentive os estudantes a realizar entrevistas sobre o modo de vida das populações tradicionais e a relação estabelecida com a Amazônia, a fim de enriquecer as reportagens. Assim, eles deverão ser orientados a criar um roteiro de perguntas sobre o tema. Peça que elaborem um roteiro de, no mínimo, cinco e, no máximo, dez questões e que registrem as informações coletadas nos cadernos. Para essa entrevista, eles podem buscar professores ou pesquisadores especialistas no tema, lideranças de movimentos indígenas ou outras pessoas que tenham uma vivência sobre o assunto. Essas conversas podem ser realizadas presencialmente ou de forma virtual, em uma videochamada ou com o envio de questões por e-mail, por exemplo.

De olho nas estratégias

Caso avalie que seja possível realizar as entrevistas, busque dialogar com os docentes da área de Linguagens para ajudar os estudantes a compreender alguns passos fundamentais na condução de uma entrevista, bem como qual a melhor forma de incluir as falas e o argumento de autoridade (no caso de pesquisadores do tema) ao produzirem



os textos das reportagens. É possível realizar essa atividade no formato interdisciplinar com os docentes da área de Linguagens, pedindo que atuem como leitores críticos das matérias construídas pelos estudantes. Assim, os grupos serão orientados a elaborar ajustes e a complementar as informações contidas nos textos.

SISTEMATIZAÇÃO

6. Peça aos grupos que deem início à produção do texto jornalístico levando em consideração as discussões em sala de aula e a leitura coletiva da matéria e dos demais escritos de apoio. Os conteúdos poderão ser elaborados em diversos formatos, como fotorreportagem, vídeo, texto e áudio. Os estudantes deverão se atentar para a inserção dos seguintes tópicos:

- título da reportagem;
- formato da reportagem (para o caso de matéria escrita, a sugestão é que elaborem até uma página e meia, levando em conta se o texto será digitado em computador ou escrito à mão; para outros formatos, como vídeo, áudio e fotorreportagem, os estudantes deverão elaborar um roteiro que apresente a matéria);
- data da produção do texto;
- nome dos autores;
- citação dos documentos que serão utilizados na reportagem como fonte de consulta e referência;
- elementos ilustrativos, como imagens, fotos ou a fala das pessoas entrevistadas;
- inclusão de links para vídeos ou podcasts;
- estrutura da introdução, do desenvolvimento e das conclusões;
- elaboração da reportagem final.

Lembre-se de que as matérias serão apresentadas na feira multicultural ao final deste módulo.

Eixos curriculares estruturantes em ação

As habilidades do eixo *Mediação e intervenção sociocultural* são mobilizadas em diferentes momentos desta atividade, especialmente por meio da elaboração de uma reportagem sobre o conteúdo estudado em sala de aula. Os estudantes, com criticidade e criatividade, identificam, compreendem e analisam, individual e coletivamente, o contexto de diversidade na Amazônia e seus significados.

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual. Considere a elaboração de reportagens jornalísticas como uma oportunidade para que os estudantes sistematizem os debates construídos a respeito do conceito de sociodiversidade. Durante as discussões, avalie a compreensão dos discentes sobre a relação entre sociodiversidade, direitos humanos e conservação da floresta amazônica. Considere avaliar a capacidade dos jovens em operar com recursos analíticos próprios das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas nos exercícios de leitura técnica. Observe o engajamento nas atividades e o grau de colaboração nos trabalhos em grupo.



ETAPA 2: O HAITI É AQUI E A GUIANA É ALI

ACONTECE NA ETAPA

- Reflexão sobre os aspectos éticos e humanitários relacionados ao processo de migração interna e migração internacional a partir da região amazônica.
- Produções artísticas (cartazes, gravuras, *storyboards*, grafites) que caracterizem perfis de migrantes e avaliem criticamente o processo de migração na região amazônica.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Nesta etapa, os estudantes terão a oportunidade de refletir sobre o processo de migração internacional, focando sobretudo o caso das regiões amazônicas de forma a trabalhar a habilidade EM13CHS204. Com base na análise de dados e em informações de variadas fontes, a turma terá a oportunidade de compreender e de comparar os casos de migração de haitianos que chegam ao Brasil e de brasileiros que migram para a Guiana Francesa. Ao longo do processo, os estudantes vão elaborar produções artísticas (como cartazes, gravuras, grafites e outros materiais) que possibilitem a reflexão e a discussão dessa questão, de maneira a mobilizar a habilidade EM13CHS101. Esta etapa integra-se ao módulo ao propor um estudo sobre o fluxo de pessoas entre as fronteiras amazônicas brasileiras e as de outros países. Dessa forma, os aspectos culturais abordados aqui se relacionam com os estudos desenvolvidos nas outras etapas. Ao final desse estágio, os jovens terão reunido produções que darão subsídio para a culminância do módulo, a feira cultural.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa. O processo de aprendizagem sobre a questão da migração na região amazônica pode começar com um debate mediado com a turma sentada em roda, para facilitar a comunicação. Você, docente, pode fazer uma série de perguntas problematizadoras para estimular a participação:

- Quem são as pessoas que atravessam a fronteira na Amazônia?
- Quais fronteiras reconhecemos a partir do nosso lugar?
- Por que fazem isso?
- Como são recebidas?
- Quais condições elas tinham antes de migrar?
- Quais condições passaram a ter?



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE: CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

2. Considerando essas perguntas, os estudantes podem criar perfis de como imaginam que são esses migrantes. Podem fazer *cards*, figurinhas, desenhos, gravuras ou um quadro com essas informações. Representar essas pessoas oferece uma materialidade ao que é imaginado. É importante ressaltar que esse perfil inicial é especulativo, e não necessariamente corresponde a quem de fato são esses migrantes. Somente no final do processo desta etapa, é que será possível estabelecer esse perfil com base em dados e em informações concretas e então comparar com o que havia sido pensado nesse início de percurso. Essa comparação entre o que se imagina ser o migrante e quem, de fato, é pode servir para se refletir sobre o processo de estudo e pesquisa desta etapa e joga luz em possíveis estereótipos.

De olho nas estratégias

Caso na sua turma haja estudantes migrantes ou que vivenciam de forma próxima essas migrações, cuide para que essas histórias sejam acolhidas de forma respeitosa e para que os jovens possam aprender de maneira colaborativa com essas experiências. Pode ser um momento interessante para questionar estereótipos e, com isso, mobilizar o diálogo, diminuindo a incidência de atos de discriminação, *bullying* e preconceito entre os estudantes.



DESENVOLVIMENTO

3. Neste momento, julgamos importante aprofundar a discussão sobre migração, entrando em um campo mais acadêmico, para que os conceitos, principalmente de migração e também o de migrante, fiquem mais bem definidos. Por meio da estratégia de sala de aula invertida, é possível trabalhar com um trecho da obra de Hannah Arendt sobre essa questão. Para isso, peça à turma que leia algumas partes do livro *Origens do totalitarismo* no Material do estudante. Aqui, as estratégias podem variar: é possível fazer um questionário de leitura, um fichamento, um resumo, uma elaboração de questões sobre o texto ou outras estratégias que você julgue pertinentes. O objetivo é que os discentes elaborem uma síntese dos trechos, tendo em vista a compreensão de conceitos correlatos ao de migração.
4. Após a leitura do texto, discuta a questão das pessoas apátridas e dos direitos humanos. Arendt toca nessa questão em um contexto europeu, mas que pode ser trazido para a realidade da região amazônica, por meio de questões como: “De que forma os migrantes são tratados pelas pessoas da região na qual se refugiam?”; “Quais são os direitos dessas pessoas que migram?”; e “Existe uma diferença entre as pessoas que migram por vontade própria, como quem muda de região graças ao trabalho ou a estudos, e aqueles indivíduos que migram por sobrevivência, como quem é obrigado a fugir por causa de perseguições religiosas, políticas, étnicas ou desastres ambientais?”.
5. Após esses passos, sugerimos que seja feita uma pesquisa sobre os migrantes das regiões amazônicas que fazem fronteira com outros países, como a Guiana, a Venezuela, a Colômbia, e regiões que não fazem fronteira, mas cujos migrantes são muito presentes, como o Haiti. É possível pesquisar em jornais, reportagens de telejornais, entrevistas, visitas a centros de acolhimento de refugiados e migrantes. No Material do estudante (Etapa 2 - Atividade 2), há trechos de artigos sobre a presença de brasileiros na Guiana Francesa e de haitianos no Brasil que podem ser trabalhados com os estudantes em uma leitura compartilhada, a fim de que levantem informações e dados.



Diálogos amazônicos

Em artigo escrito por pesquisadoras da Universidade Federal do Amazonas sobre as condições de vida de imigrantes haitianos na cidade de Manaus, no ano de 2019, é possível entrar em contato com alguns relatos desses migrantes que permaneceram na capital amazonense.

“Para mim, os imigrantes haitianos são mais desprezados, humilhados em Manaus. Sob o pretexto de que os haitianos são corajosos e gostam de trabalhar, os chefes de empresas nos dão um tratamento desumano” (Sujeito 4 *apud* Chaves; Dacilien; Carvalho, 2021, p. 17).

[...]

“Não recebi nenhum apoio do Estado brasileiro. Bem, talvez esteja nos documentos, porque não paguei pelo CPF nem pelos documentos da polícia federal. Mas havia muitas dificuldades para ter acesso a esses documentos, porque eu não falei a língua portuguesa, nem eles falam crioulo haitiano nem francês” (Sujeito 3 *apud* Chaves; Dacilien; Carvalho, 2021, p. 17).

[...]

A última vez que fui a um hospital aqui foi muito difícil para o médico me atender, porque eu não falei português e ele também não sabia falar a minha língua. Foi graças a um amigo que estava aqui antes de mim, que consegui falar bem português, que voltou comigo há cerca de uma semana para que eu pudesse conversar com o médico. Sim, os hospitais são gratuitos, mas os procedimentos são muito longos. Você deve marcar uma consulta, talvez não consiga encontrar as datas disponíveis e sofrerá muito. Às vezes, morremos antes que a data esteja disponível. Seria melhor ir a um hospital particular, mas não há dinheiro” (Sujeito 8 *apud* Chaves; Dacilien; Carvalho, 2021, p. 17-18).

[...]

“Eu gosto do Brasil, porque o povo brasileiro é um povo muito hospitaleiro. Eles nos acolheram com alegria. Também, posso ir pelas ruas pedir trabalho, vender as coisas, banana, roupa. Eu vendo meu picolé e as pessoas já me conhecem, sempre compram de mim” (Sujeito 1 *apud* Chaves; Dacilien; Carvalho, 2021, p. 20).

Texto extraído de [Questão social & Qualidade de vida: estudo de caso dos imigrantes haitianos em Manaus | Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves, Richemond Dacilien e Carla Letícia Carvalho Campinas | Revista Emancipação.](#)

6. Os estudantes podem ser divididos em grupos de três a quatro pessoas. Cada grupo se responsabiliza por elaborar um perfil de uma pessoa. Há exemplos de perfis feitos na [revista Piauí](#) que podem ser usados como base para a turma. Há mais modelos de perfis no site do CPDOC, como o do seringueiro e ativista [Chico Mendes | Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil | FGV](#). Outra fonte é a exposição virtual [Vidas indígenas: modos de habitar o mundo | Museu da Pessoa](#). Trata-se, portanto, de elaborar um texto que:

- forneça informações sobre a pessoa perfilada, de forma clara, objetiva e descontraída;
- conte tanto questões fundamentais da história da pessoa quanto curiosidades que possam aproximá-la dos leitores.

Solicite aos estudantes que, se possível, entrevistem algum migrante em sua região. Caso não seja possível realizar a entrevista, os discentes podem criar personagens



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE: CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

com base nas informações e nos desafios relatados nos textos disponíveis no Material do estudante. Outra possibilidade é buscar vídeos e entrevistas em sites como o do [Museu da Pessoa](#). Apoie os grupos por meio de algumas perguntas norteadoras:

- Quem eram essas pessoas em seus países de origem e quem são no país para o qual migraram?
- Qual foi o motivo da migração?
- Como foram recebidas no país e quais dificuldades elas têm enfrentado?

Aproveite também para confrontar a teoria com a prática: “O que dizem os textos de Hannah Arendt sobre o assunto e o que observam na situação dos migrantes atuais no Brasil?”.

7. O perfil pode vir acompanhado de um ou mais retratos da pessoa. Podem ser fotografias, grafites, gravuras, um desenho do personagem ou outros estilos que os estudantes se proponham a explorar.

SISTEMATIZAÇÃO

8. A sistematização desta etapa pode se iniciar com a comparação entre os perfis imaginados pelos estudantes no início desse processo e os perfis que investigaram. Eles podem fazer um mapa mental ou um quadro comparativo para refletir sobre suas ideias iniciais a respeito de quem eram os migrantes e as conclusões às quais chegaram após as leituras e as pesquisas feitas. Você pode orientá-los a destacar os pontos que mais chamaram a atenção, o que não esperavam e o que os surpreendeu, por exemplo.

Eixos curriculares estruturantes em ação

Nesta etapa, o objetivo do eixo *Mediação e intervenção sociocultural* é mobilizado por meio da reflexão sobre o processo de migração interna e internacional, propondo soluções éticas para os problemas relacionados ao fenômeno. A elaboração de produções artísticas proporcionarão à turma oportunidades de selecionar recursos criativos, a fim de solucionar os problemas relacionados aos fenômenos analisados na etapa, articulando recursos e conhecimentos próprios das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual. Considere a elaboração dos perfis dos migrantes como um processo no qual os estudantes terão a oportunidade de se autoavaliarem a respeito das aprendizagens. Esclareça esse caminho para a turma ao longo da elaboração dos exercícios da etapa. Outro aspecto relevante a ser avaliado é a compreensão do conceito de migração e seus correlatos com base nos trechos destacados no Desenvolvimento. Observe o engajamento nas atividades e o grau de colaboração nos trabalhos em grupo. A etapa possibilita que os estudantes executem ações de comparação, análise de dados e levantamento de informações. Avalie se as ações se articulam aos conceitos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.



ETAPA 3: QUESTÕES GLOBAIS DO FLUXO DE PESSOAS

ACONTECE NA ETAPA

- Organização de uma feira multicultural/Cúpula dos Povos a fim de expor, debater e informar a respeito da diversidade cultural e do fluxo de pessoas nas regiões amazônicas.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Nesta etapa, os estudantes organizarão uma feira multicultural para apresentar a sociodiversidade amazônica. Após as etapas que abordaram povos indígenas e povos tradicionais, migrantes em fluxo contínuo de saída e chegada, estudantes terão a oportunidade de trazer informações e dados, e debater soluções para os desafios enfrentados na região. Graças ao acúmulo de exercícios de síntese e sistematização dos conhecimentos construídos ao longo do módulo, os estudantes terão a oportunidade de aprofundar os objetivos do eixo estruturante *Mediação e intervenção sociocultural*, ao propor que a turma selecione e mobilize recursos éticos, estéticos e criativos, a fim de solucionar questões vinculadas aos desafios identificados no decorrer deste módulo.



PONTO DE PARTIDA

1. Comece o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando esta etapa em relação ao módulo. Para iniciar, retome as reflexões das etapas anteriores sobre os aspectos que envolvem as ideias de diversidade cultural e a migração na região amazônica. Comece com uma roda de conversa que retome a noção de sociodiversidade das etapas 1 e 2. Para estimular o debate, lance o questionamento: “Quais danos são causados pelo apagamento da sociodiversidade amazônica?”. Peça aos discentes que reflitam se já presenciaram algum tipo de situação na qual o apagamento das diferenças e das particularidades tenha causado algum dano ou ameaça a algum grupo social ou indivíduo.
2. Ainda na sensibilização, retome a questão da diversidade cultural como algo característico de países como o Brasil e debata na roda de conversa se a diversidade cultural, ainda que seja algo típico do país, é respeitada ou se há conflitos e tensões entre as culturas que compõem os diversos grupos do povo brasileiro. Para auxiliar o debate e manter a questão da migração presente, lembre os estudantes dos fluxos migratórios internos e externos com relação ao Brasil.





DESENVOLVIMENTO

3. De forma a aprofundar as habilidades do módulo, nesta etapa os jovens deverão organizar e apresentar uma feira multicultural que inclua a proposta de uma Cúpula dos Povos. Assim, apresente a eles as orientações e os objetivos do evento. Aproveite para dividi-los em grupos de trabalho e estipular o prazo para desenvolver cada etapa:

- Definição do grupo cultural que será trabalhado e divisão de responsabilidades e tarefas dos integrantes do grupo (seleção do material de consulta que será utilizado, definição das atividades que irão compor a feira, estratégias de divulgação, elaboração de momentos de integração entre os grupos, atividade de encerramento etc.).
- Planejamento do formato do evento e suas seções (barracas, pôsteres, salas, mesas de debates, exposições, apresentações culturais, convidados etc.).
- Seleção e desenvolvimento dos aspectos que serão apresentados no evento.
- Divulgação do evento.

4. Para este momento, os estudantes deverão retomar as matérias jornalísticas elaboradas na etapa 1, os perfis e os textos produzidos na etapa 2 deste módulo, utilizando-se desses materiais para consulta. Para orientar a produção do evento, apresente alguns pontos sobre os quais eles deverão trabalhar, tais como as características culturais do grupo que será apresentado na feira; possíveis desafios enfrentados pelo grupo; relação entre cultura e território; fluxos e deslocamentos e suas motivações etc.

5. Crie com os estudantes um tema geral para a feira que esteja relacionado com o que foi trabalhado no módulo, como multiculturalidade, diversidade cultural, grupos socio-culturais amazônidas, migração, território etc. Pratique sua presença pedagógica de forma que o evento não seja uma mera exposição de particularidades e curiosidades, mas sim um momento de reflexão aprofundado e uma oportunidade de diálogo com a comunidade escolar. Incentive os estudantes a apontar problemas reais e a debater soluções de forma criativa e ética na feira cultural. Como inspiração para esse trabalho, acesse o site [Portal da Rio+20 – Construindo a Cúpula dos Povos Rio+20](#), no qual é possível observar como o tema “Justiça Social e Ambiental” foi apresentado tanto como problema a ser enfrentado quanto como busca de soluções.

6. Tendo em vista o tema escolhido, cada equipe deve criar uma pequena frase para divulgar a feira. Peça à turma que defina coletivamente a melhor frase. É importante que ela não seja longa, mas que expresse o que os estudantes estão preparando para o evento.

7. Combine com a turma estratégias de divulgação da feira. Podem ser usados cartazes, convites orais a outras turmas, convites escritos, entre outros. Os estudantes também podem fazer pequenas peças musicais e de outros gêneros artísticos para divulgar o evento ou até para apresentar no dia do evento.

8. Para estimular o debate, a feira deverá apresentar o seguinte formato de atividades:

- Abertura: momento em que um representante de cada equipe apresenta seu grupo e expõe elementos da história e das lutas travadas pelo grupo representado.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE: CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

- Período de exposições dos grupos em estandes, pôsteres ou nas salas.
- Encerramento: momento no qual os estudantes apresentam uma síntese do que foi trabalhado no evento por meio das interações entre grupos e de visitantes da feira.

Saiba mais

Cúpula dos Povos

A Cúpula dos Povos foi uma série de atividades organizada pela sociedade civil global e por organizações, coletivos e movimentos sociais, que aconteceu durante a reunião da Rio+20, em 2012, com a proposta de não ser apenas um grande evento, mas um processo de acúmulos históricos e de convergências das lutas locais, regionais e globais. A proposta Cúpula dos Povos foi transformar o momento da Rio+20 em uma oportunidade para tratar dos graves problemas enfrentados pela humanidade e demonstrar a força política dos povos organizados. A página [Cúpula dos Povos](#) pode ser acessada para conhecer como foi a proposta e a organização desse acontecimento em 2012.

Veja também a notícia [Cúpula dos Povos se opõe à iniciativa Biden e propõe debate mais inclusivo | Natalia Marques | Brasil de Fato](#), para acompanhar o evento que aconteceu em 2022 e a busca por espaço de visibilidade de organizações sociais, sindicais e políticas.



SISTEMATIZAÇÃO

9. Como exercício de sistematização, as equipes deverão produzir sua própria narrativa sobre todo o processo. A apropriação de resultados deve se parecer com olhar ao retrovisor de um automóvel. Essa narrativa pode ser apresentada em forma de relatório escrito, mas também como exposição oral, álbum de fotografias, um perfil criado em redes sociais com fotos, vídeos e textos, composição de música etc. Explique aos estudantes que essa narrativa deve conter todo processo de elaboração da feira, desde a pesquisa sobre o grupo, passando pelas dificuldades enfrentadas durante o trabalho até as impressões da comunidade participante da feira sobre o grupo apresentado. Estimule a autoavaliação dos estudantes com base nesses relatos.

Eixos curriculares estruturantes em ação

Graças ao acúmulo de exercícios de síntese e sistematização dos conhecimentos construídos ao longo da etapa, os discentes terão a oportunidade de aprofundar os objetivos do eixo *Mediação e intervenção sociocultural* por meio da seleção e mobilização de recursos éticos, estéticos e criativos, a fim de solucionar questões vinculadas aos desafios enfrentados pelos povos tradicionais e indígenas ou por migrantes em seus deslocamentos. A organização colaborativa da feira multicultural possibilitará também que a turma selecione recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de forma criativa e proponha soluções éticas, a fim de mediar e intervir em problemas locais e regionais dialogando também com o objetivo do eixo *Inovação e intervenção tecnológica*.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AS REGIÕES AMAZÔNICAS E SUA MULTICULTURALIDADE: CULTURAS, POVOS, SOCIABILIDADES E FLUXOS

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual por meio das produções vinculadas à feira multicultural/Cúpula dos Povos. Considerando o evento de culminância, os estudantes poderão ser avaliados a respeito do seu envolvimento e do engajamento nos grupos de trabalho e na elaboração/organização do evento. Do ponto de vista das produções, esta etapa permite mobilizar habilidades do eixo curricular estruturante *Mediação e intervenção sociocultural*. Considere avaliar os discentes a partir dessas habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em diálogo com os objetivos do eixo. Examine a sistematização com base nas narrativas como um momento privilegiado para a autoavaliação dos estudantes. Para a ampliação de conhecimentos e de repertório sobre práticas avaliativas, recomendamos a realização da Trilha de Aprendizagem do componente [O lugar da avaliação | Instituto Iungo, Instituto Reúna e Itaú Educação e Trabalho | Nosso Ensino Médio](#).



MATERIAL DO ESTUDANTE

ETAPA 2 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 1

1. Trecho do artigo “A profecia de Hannah Arendt”.

[Hannah] Arendt foi um dos primeiros expoentes do pensamento político a defender que o crescimento constante do número de apátridas e refugiados teria continuado a ser um problema insuperável. Um de seus primeiros ensaios, Nós, refugiados, publicado em uma revista em 1943 e baseado em sua experiência pessoal de apátrida, levanta questões fundamentais. Arendt oferece uma vívida descrição do que significa perder casa, língua e trabalho, e conclui com uma reflexão mais geral sobre as consequências políticas do novo fenômeno, ou seja, a “criação” das massas de pessoas forçadas a deixar as próprias casas e o próprio país, “os refugiados forçados a vagar de país em país representam a vanguarda de seus povos [...] O respeito recíproco dos povos europeus se estraçalhou quando, e porque, permitiu-se que os membros mais fracos fossem excluídos e perseguidos”.

No momento em que escrevia tudo isso, Arendt não poderia saber o quanto as suas observações seriam atuais em 2018. Nos últimos cem anos, praticamente todos os acontecimentos políticos significativos levaram à proliferação de novas categorias de refugiados, um fenômeno aparentemente destinado a se repetir sem fim. No ensaio de 1951, intitulado As Origens do Totalitarismo, Arendt escreve, referindo-se aos refugiados: “A desgraça de indivíduos sem estatuto jurídico não consiste em ser privados da vida, da liberdade, da busca da felicidade, da igualdade perante a lei e da liberdade de opinião, mas em não pertencer mais a nenhuma comunidade”. A perda da comunidade comporta a expulsão da própria humanidade. Fazer um apelo aos direitos humanos em abstrato não serve na ausência de instituições que garantam efetivamente tais direitos. O mais fundamental dos direitos é o “direito de ter direitos”. (Bernstein, 2018, n. p.).

Fonte: BERNSTEIN, Richard. A profecia de Hannah Arendt. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. /]., 26 jun. 2018.

2. TRECHOS DE ORIGENS DO TOTALITARISMO

1.

A total implicação da identificação dos direitos do homem com os direitos dos povos no sistema europeu de Estados-nações só veio à luz quando surgiu de repente um número inesperado e crescente de pessoas e de povos cujos direitos elementares eram tão pouco salvaguardados pelo funcionamento dos Estados-nações em plena Europa como o teriam sido no coração da África. Os Direitos do Homem, afinal, haviam sido definidos como “inalienáveis” porque se supu-



nha serem independentes de todos os governos; mas sucedia que, no momento em que seres humanos deixavam de ter um governo próprio, não restava nenhuma autoridade para protegê-los e nenhuma instituição disposta a garanti-los. Ou, quando, como no caso das minorias, uma entidade internacional se investia de autoridade não governamental, seu fracasso se evidenciava antes mesmo que suas medidas fossem completamente tomadas; não apenas os governos se opunham mais ou menos abertamente a essa usurpação de sua soberania, mas as próprias nacionalidades interessadas deixaram de reconhecer uma garantia não nacional, desconfiando de qualquer ato que não apoiasse claramente os seus direitos “nacionais” (em contraposição aos meros direitos “linguísticos, religiosos e étnicos”), e preferiam voltar-se para a proteção de sua mãe-pátria “nacional”, como os alemães e os húngaros que viviam fora da Alemanha ou da Hungria, ou para alguma espécie de solidariedade internacional, como os judeus (Arendt, 2013, p. 373-376)

2.

Os Direitos do Homem, supostamente inalienáveis, mostraram-se inexecutáveis – mesmo nos países cujas constituições se baseavam neles – sempre que surgiam pessoas que não eram cidadãos de algum Estado soberano. A esse fato, por si já suficientemente desconcertante, deve acrescentar-se a confusão criada pelas numerosas tentativas de moldar o conceito de direitos humanos no sentido de defini-los com alguma convicção, em contraste com os direitos do cidadão, claramente delineados.

A primeira perda que sofreram essas pessoas privadas de direito não foi a da proteção legal, mas a perda dos seus lares, o que significava a perda de toda a textura social na qual haviam nascido e na qual haviam criado para si um lugar peculiar no mundo. Essa calamidade tem precedentes, pois na história são corriqueiras as migrações forçadas, por motivos políticos ou econômicos de indivíduos ou de povos inteiros. O que era sem precedentes não era a perda do lar, mas a impossibilidade de encontrar um novo lar. De súbito revelou-se não existir lugar algum na terra aonde os emigrantes pudessem se dirigir sem as mais severas restrições, nenhum país ao qual pudessem ser assimilados, nenhum território em que pudessem fundar uma nova comunidade própria. Além do mais, isso quase nada tinha a ver com qualquer problema material de superpopulação, pois não era um problema de espaço ou de demografia. Era um problema de organização política. Ninguém se apercebia de que a humanidade, concebida durante tanto tempo à imagem de uma família de nações, havia alcançado o estágio em que a pessoa expulsa de uma dessas comunidades rigidamente organizadas e fechadas via-se expulsa de toda a família das nações.

A segunda perda sofrida pelas pessoas destituídas de seus direitos foi a perda da proteção do governo, e isso não significava apenas a perda da condição legal no próprio país, mas em todos os países. Os tratados de reciprocidade e os acordos internacionais teceram uma teia em volta da terra, que possibilita ao cidadão de qualquer país levar consigo a sua posição legal, para onde quer que vá (de modo que, por exemplo, um cidadão alemão sob o regime nazista não poderia nem no exterior contrair um casamento racialmente misto devido às leis de Nuremberg). No entanto, quem está fora dessa teia está fora de toda legalidade (assim, durante a última guerra, os apátridas estavam em posição invariavelmente pior que os estrangeiros inimigos, que ainda eram de certo modo protegidos por seus governos através de acordos internacionais) (Arendt, 2013, p. 373-376).

Fonte: ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Companhia de Bolso). p. 373-376.



ETAPA 2 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 1

1. BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA

Caiena, primeiro de novembro de 2006. Em uma sala de um pequeno apartamento no bairro Central, pela parte da manhã, aproveito a visita à casa de um amigo e entevisto dois brasileiros que trabalham há bastante tempo no Departamento Francês. Compõem o cenário uma pequena cozinha, garrafas de bebidas e um aparelho de rádio amador. A entrevista inicial foi com Francisco de Assis Pereira Ribeiro, 44 anos, natural da Paraíba. Sua família atualmente está residindo (três filhos e mulher) no município de Alenquer-PA. Numa conversa de quase 30 minutos, me explicou sua atual situação e seus planos para o futuro: Francisco não era “marinheiro de primeira viagem”. Ele chegou à Guiana Francesa em 1993, e por isso já tinha acumulado muitas experiências de trabalho. Atualmente, recebe uma espécie de seguro-desemprego do governo francês (cerca de 420 euros mensais), pois, antes de ficar desempregado, trabalhava de forma legal numa empresa local, de acordo com as leis trabalhistas francesas. No período da entrevista, estava fazendo um “bico” na área da construção civil (ajudante de pedreiro), por este trabalho recebia uma diária de quase cinquenta euros. Atualmente estava fazendo uma espécie de “ponte aérea” entre Caiena e Alenquer-PA. Disse-me ainda que só estava na cidade para resolver uma “bronca”.

A “bronca”, na verdade, tratava-se de atualizar seu cadastro junto à instituição que controla e fiscaliza esses benefícios trabalhistas que são pagos; e saber se o mesmo já se encontrava empregado ou pelo menos procurando um novo emprego. Para receber esses recursos financeiros do governo francês, Francisco deixou seu cartão bancário com uma amiga que, mensalmente, retira o dinheiro e o remete para sua conta bancária em território brasileiro. Por esse serviço paga quarenta euros. Como tem um visto de dez anos (sua Carte de Séjour vence somente em 2010), entra e sai do departamento francês a hora que quer. Orgulhoso de sua atual condição, garante que “pegou no pesado” para estar hoje desfrutando desse privilégio.

Na verdade eu “estou lá e aqui” (risos). Vou resolver essas broncas e retornar lá pelo dia 15 de dezembro para Alenquer. Quero passar o fim de ano no Brasil. Mas em janeiro estou de volta.

Eu vim pra cá em 1993. A primeira firma que trabalhei aqui foi na TEXMINA, que atuava no ramo da mineração... passei quatro anos nessa empresa. Depois dessa experiência trabalhei mais em três empresas, todas mexiam com ouro. Atualmente garimpo tá acabado em Caiena. A maioria das firmas está parada. Antes a gente ganhava “porcentagem”, hoje só querem pagar salário fixo, o que não compensa [...]

Atualmente, eu faço apenas “bico” e ganho do governo. Como nos meus empregos anteriores eu descontava meu “seguro”, atualmente recebo uma ajuda financeira pelo tempo que trabalhei. Nos primeiros dois anos e seis meses recebia 712 euros. Agora caiu um pouco, recebo 420. Espero receber por mais dois anos esse valor, no entanto está vindo outro presidente, que é



muito racista, e já avisou que vai acabar com isso, com tudo o que é imigrante ilegal no país. Tem dia que tem uma equipe de quatro, outro de cinco. Varia muito. Mas todos pretendem voltar ao Brasil. Apenas estão aqui a trabalho. Por que eles querem voltar? Pra quem não conhece Caiena, acha que aqui é bom, mas não é não [...] à vista do Brasil, lugar melhor que o Brasil não existe. Mas o que é que não tem aqui e tem no Brasil? Negócio de farra, de brincadeira [...] mulher [...] aqui não tem a liberdade que tem lá. Arranjar uma namorada aqui é muito difícil, principalmente se não souber falar o idioma francês.

Sempre eu penso isso, mas o Brasil não oferece trabalho pra gente. Não tem como arranjar um emprego [...] Então à gente sempre “se obriga a vim”. Não tem jeito.

O cara tem que caprichar muito [...] O que a gente ganha aqui se for cambiar no Brasil, torna-se um salário alto. Mas aqui as coisas são muito caras. Se o cara não economizar, não consegue fazer nada. Pode trabalhar à vontade [...] (risos).

Ainda falo com muitos colegas que vieram comigo na primeira vez. Outros, assim que a gente entrou aqui para trabalhar, negociaram com o governo [...] A questão era a seguinte: o governo francês queria que a gente voltasse para o Brasil e por isso “comprava o documento da gente”. É, ele negociava o visto, principalmente de quem tinha Carte de Séjour de 10 anos. Agora, não poderia retornar mais [...] Teve gente que vendeu e hoje trabalha clandestino. Eu conheci um cara que ganhou (na época a moeda era o franco) cerca de 32 mil reais para voltar ao Brasil. Ele montou um negócio, que faliu logo em seguida [...] Essa mesma pessoa trabalha atualmente como clandestina.

Em relação a oferta de trabalho, a Guiana não tem nem comparação com o Brasil. Aqui não tá bom, mas à vista do Brasil tá bom demais [...] No Brasil, trabalho não existe, não tem. Aqui a gente arruma trabalho [...] não é coisa pra gente crescer, juntar dinheiro, mas pra sobreviver dá [...] Quando não estou no Brasil, mando em média 200 euros para minha mulher (Pinto; Dias, 2018, n. p.).

Fonte: PINTO, Manoel J. S.; DIAS, Jorge Lucas O. A migração brasileira para a Guiana Francesa: perspectivas atuais. **Revista del CESLA**, [s. l.], n. 22, p. 153-178, 2018.

2. HAITIANOS NO BRASIL

No final da tarde do dia 12 de janeiro de 2010, o Haiti sofreu um terremoto de 7 graus na escala Richter que matou pelo menos 230 mil pessoas. Mais de 1,5 milhão de haitianos ficaram desabrigados. O desastre provocou um grande fluxo migratório do país, localizado na parte ocidental da ilha de São Domingos, no mar do Caribe, para países como a República Dominicana, Equador, Bolívia, Peru e Brasil. Entre as fronteiras do Acre e do Amazonas, o governo federal estimou que cerca de 72,4 mil haitianos migraram para o país entre os anos de 2010 e 2016. Os deslocamentos continuam, em quantidade menor, mesmo neste momento de pandemia da covid-19.



“Pela Pastoral do Migrante passaram mais ou menos 8 mil, mas, por Manaus, uns 12 mil”, lembra o padre Valdecir Molinari, que acompanhou a onda migratória e deu assistência a diversos haitianos no momento mais crítico da situação, quando os recém-chegados chegavam a dormir na calçada ao redor da paróquia de São Geraldo, por não haver espaço para acomodá-los nas dependências na igreja.

“Nos primeiros anos, de 2010 a 2014, eles vinham sem visto, sem documentos, praticamente ilegais, quando chegavam aqui se registravam. Mas era um caminho perigoso e caro, pois eles saíam do Haiti e iam para a República Dominicana, de onde seguiam para o Panamá até o Equador e entravam no Peru. Aí vinham para o Brasil pela fronteira com o Amazonas, em Tabatinga ou pelo Acre, que foi de onde partiu o maior fluxo”, recorda o padre.

“No Governo Dilma (Rousseff, ex-presidente da República), uma lei permitiu que eles tirassem o visto no Haiti, o que possibilitou uma entrada mais tranquila e segura. Mesmo assim, é bom destacar que nenhum haitiano ficou de maneira ilegal no Brasil, pois receberam visto humanitário”, diz Molinari, destacando que muitos haitianos foram morar em cidades das regiões Sudeste e Sul do país em busca de emprego (Santos, 2020, n. p.).

Fonte: SANTOS, Izabel. Fora de políticas públicas, os haitianos enfrentam nas ruas a ameaça do coronavírus. **Amazônia Real**, [s. /], 2 abr. 2020.

Quadro 2: Do Haiti ao Brasil, os sonhos haitianos se transformam em uma utopia

Fatores expulsivos (Haiti)

Econômicos (empobrecimento, desemprego, exploração), políticos (perseguições, limites à participação), sociais (exclusão social, relações de subalternidade), ambientais (riscos e vulnerabilidade aos desastres naturais) e culturais (desvalorização de seus saberes e de suas práticas).

Fatores atrativos (deslocamento)

Econômicos (oportunidades de emprego, moradia), culturais (esperança, sonhos), políticos (acessibilidade a bens e a serviços sociais, democracia), sociais (dignidade, respeito) e ambientais (salubridade, segurança alimentar).

Permanência no Brasil (Manaus)

Econômicos (desemprego, condições precárias de vida, pobreza absoluta), políticos (limitação à participação), sociais (discriminação), ambientais (alocação em áreas de risco e de vulnerabilidade, insalubridade) e culturais (desrespeito e desvalorização).

(Chaves; Dacilien; Carvalho, 2021, p. 19)

Fonte: CHAVES, Maria do Perpétuo S. R.; DACILIEN, Richemond; CARVALHO, Letícia C. Questão social e qualidade de vida: estudo de caso dos imigrantes haitianos em Manaus. *In: Emancipação*, Ponta Grossa, v. 21, p. 1-23, jul. 2021.



REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BERNSTEIN, Richard. A profecia de Hannah Arendt. *In: La Repubblica*, [s. l.], 25 jun. 2018. Trad. Luisa Rabolini. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/580276-a-profecia-de-hannah-arendt>. Acesso em: 1º nov. 2025.

BENTES, Ariel. Quem mantém a Amazônia em pé é o povo da floresta. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://www.raisg.org/pt-br/radar/quem-mantem-a-amazonia-em-pe-e-o-povo-da-floresta/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

CAIXETA, Izabella. Sônia Guajajara é indicada a principal prêmio de direitos humanos na Europa. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/09/5038751-sonia-guajajara-e-indicada-a-principal-premio-de-direitos-humanos-na-europa.html>. Acesso em: 1º nov. 2025.

CHAVES, Maria do Perpétuo S. R.; DACILIEN, Richemond; CARVALHO, Letícia C. Questão social e qualidade de vida: estudo de caso dos imigrantes haitianos em Manaus. *In: Emancipação*, Ponta Grossa, v. 21, p. 1-23, jul. 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/15018/209209215334>. Acesso em: 1º nov. 2025.

COELHO, Tiago. A exilada. *In: Revista Piauí*, Rio de Janeiro, ed. 146, nov. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-exilada/>. Acesso em: 1º nov. 2025.

COMITÊ NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO RIO+20. **Cúpula dos Povos**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20/o-que-e-cupula-dos-povos.html. Acesso em: 12 nov. 2025.

CÚPULA dos Povos por justiça social e ambiental em defesa dos bens comuns. **Portal Rio+20**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2012. Disponível em: <http://rio20.net/pt-br/events/cupula-dos-povos-por-justica-social-e-ambiental/>. Acesso em: 1º nov. 2025.

FRANCISCO Alves Mendes Filho. **FGV CPDOC**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-alves-mendes-filho>. Acesso em: 1º nov. 2025.



FERNANDES, Sarah. “Diversidade da Amazônia só existe devido aos povos da floresta”. **Rádio Brasil de Fato**, [s. l.], 2 jun. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/02/programa-bem-viver-diversidade-da-amazonia-so-existe-devido-aos-povos-da-floresta>. Acesso em: 1º nov. 2025.

FERREIRA, Matheus. Resenha: Horizontes amazônicos para repensar o Brasil e o mundo. **Amazônia Latitude**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2022/06/07/resenha-horizontes-amazonicos-para-repensar-o-brasil-e-o-mundo>. Acesso em: 1º nov. 2025.

GUIMARÃES, Eguinaldo dos Santos; TOMCHINSKY, Bernardo. A sociodiversidade da Amazônia: o que os saberes locais e tradicionais dos povos nos ensinam em meio à pandemia de Covid-19? *In: Revista Brasileira de Agroecologia*, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 141-152, 2020. Disponível em: <https://share.google/CM815gB8ktt9RY9Wq>. Acesso em: 1º nov. 2025.

INSTITUTO IUNGO; INSTITUTO REÚNA; ITAÚ EDUCAÇÃO E TRABALHO. O lugar da avaliação. *In: Nosso Ensino Médio*, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://nossoensinomedio.org.br/componentes/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas/>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARQUES, Natalia. Cúpula dos Povos se opõe à iniciativa Biden e propõe debate mais inclusivo. **Brasil de Fato**, [s. l.], jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/09/cupula-dos-povos-se-opoe-a-iniciativa-biden-e-propoe-debate-mais-inclusivo/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MUSEU DA PESSOA. Portal. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://exposicaovidasindigenas.museudapessoa.org/>. Acesso em: 1º nov. 2025.

PINTO, Manoel J. S.; DIAS, Jorge L. O. A migração brasileira para a Guiana Francesa perspectivas atuais. *In: Revista del CESLA*, [s. l.], n. 22, p. 153-178, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2433/243360086008/html/>. Acesso em: 1º nov. 2025.

SANTOS, Izabel. Fora de políticas públicas, os haitianos enfrentam nas ruas a ameaça do coronavírus. **Amazônia Real**, Manaus, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://amazonia-real.com.br/fora-de-politicas-publicas-haitianos-enfrentam-nas-ruas-a-ameaca-do-coronavirus/>. Acesso em: 1º nov. 2025.



SIMIONI, Rafael L. Direito e reciprocidade na ausência de um único mundo vivido: o multiculturalismo na Amazônia ocidental. *In: Revista Direitos Culturais*, [s. l.], v. 3, n. 5, dez. 2008. Disponível em: <https://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/direitos-culturais/article/view/62/45>. Acesso em: 1º nov. 2025.





itinerariosamazonicos.org.br

